



Uma grande dolorosa comédia

Maria Teresa Salgado Guimarães da Silva
USP

“Criminalizar a interpretação tendenciosa da história é excessivo e corre o risco de produzir efeitos contrários ao que esperamos. A verdade não precisa de lei para ser protegida; legislar tão longe é agir como se duvidássemos de que seja verdade. Enfim, lutar contra o racismo através da repressão sem procurar analisar o que o provoca assemelha-se ao próprio exemplo desses políticos de visão estreita que a direita de outrora gostava de criticar entre seus adversários” **Todorov**¹

Considero a obra de Manuel Rui uma das mais expressivas não só da literatura angolana contemporânea, mas das literaturas de língua portuguesa. Seu texto revela uma sensibilidade incomum, capaz de captar e discutir as grandes questões humanas por trás dos detalhes, fatos e episódios ordinários do cotidiano.

Há mais de seis anos, fiz uma abordagem da ironia em “Mulato de sangue azul”, um dos contos da obra *Regresso adiado*², em minha tese de doutorado. Já mais de uma vez desenvolvi comunicações em torno de alguns contos do livro. Volto agora a esse livro de

¹ Todorov, 1999, p. 134

² Manuel Rui, 1978.

contos, publicado pelo escritor no início dos anos 70, por alguns motivos. Trata-se de uma das grandes obras do autor que não foi suficientemente comentada, e as histórias aí dramatizadas oferecem uma importante reflexão para a abordagem do racismo na sociedade contemporânea, especialmente na brasileira. Embora mencione todos os contos do livro, devo me deter, especialmente, no conto “Em tempo de guerra não se limpam armas”³.

Talvez um dos motivos para o pouco interesse em relação a *Regresso adiado* seja a aparente ausência de procedimentos inovadores. De fato, não se pode considerar que uma das características marcantes desse livro de contos seja o uso de modernas técnicas literárias. *Regresso adiado* apresenta histórias de uma maneira geral lineares, sem grandes inovações formais em relação aos elementos da narrativa, ainda que revele um autor atento ao que se produz na ficção moderna.

Existe uma tendência de se desconsiderar uma obra em função da ausência de procedimentos inovadores. Em se tratando das literaturas africanas de língua portuguesa, a cobrança em relação à inovação talvez seja ainda maior do que o normal, já que o rótulo de literatura engajada ou de revolta, comprometida com as questões sociais, pareceu deixar em segundo plano, durante algum tempo, a preocupação dos escritores com a inovação formal.

Embora se prenda a um determinada circunstância histórica - o colonialismo português e suas implicações no período que precede a independência angolana - , *Regresso adiado* termina por fazer com que as sugestões e influências do meio deixem de ser acessórias, passíveis de se dissociarem do texto, tornando-se inseparáveis de sua gênese⁴. Tal obra está, portanto, presa e livre em relação ao momento histórico que enfoca e, por isso mesmo, é capaz de nos proporcionar novas abordagens a cada leitura.

Partindo de situações diversas, essa obra é um painel das profundas e dolorosas crises que se desenvolvem a partir do confronto de duas culturas: a européia e a africana. Uma das faces desse confronto, que ocorre na sociedade colonizada angolana, seria o processo de aculturação. Esse processo na verdade deve ser visto como desculturação, pois dá-se um apagamento de aspectos relevantes das culturas africanas, que vão sendo relegados em favor da cultura européia, que vão sendo recalçados num movimento individual e coletivo levando à “desmemória” cultural. O racismo existente na sociedade é inerente a todo esse processo de desvalorização da cultura do colonizado. Nesse sentido, *Regresso adiado*

³ Manuel Rui, 1978.

atualiza ficcionalmente algumas das idéias discutidas por Fanon em *Pele negra máscaras brancas*⁵.

De todos os contos do livro, “Mulato de sangue azul” é provavelmente o mais representativo do surgimento do complexo de inferioridade no negro, analisado pelo psiquiatra antilhano. Nesse conto, o processo de alienação e conseqüente desculturação do negro é evidenciado através da história de um dos mais contundentes personagens criados pela ficção angolana: Luis Alvim. O drama do mulato Alvim sintetiza-se em sua obsessão pelo desejo de se integrar ao mundo do branco colonizador. Alvim disfarça a cor da pele e o cabelo crespo, renega a comida, os hábitos e as tradições de sua mãe negra e foge de mulatos ou de qualquer laço que o ligue à África, enquanto procura, desesperadamente, um elo que possa estabelecer a sua conexão com a suposta nobre linhagem de seu pai português. Em sua patética busca de aceitação, termina por não se integrar a nenhuma cultura, pois é rejeitado tanto pelo mundo dos brancos, que vêem sua atitude com desconfiança e estranheza, quanto pelo dos negros com os quais não quer se relacionar.

A grande indagação que se reitera em todos os contos do livro e, de certo modo, costura os seus episódios gira em torno das conseqüências psicossociais do processo de colonização. Todos os personagens, quase sem exceção, trazem, de maneiras diversas, a marca do trauma, do desvio existencial do qual falou Fanon. Em “O aquário”⁶, o criado negro personifica o mito do homem africano potente e sensual, tornando-se objeto de desejo da patroa que o manipula, descarta e elimina, sem nenhum problema, depois de servir-se do seu corpo. Em “Com ou sem pensão”⁷, assistimos às dificuldades de um estudante negro, enquanto procura alugar um quarto em Lisboa. No conto final, “O churrasco”⁸, a linha parece mudar, pois a narrativa enfoca vários planos temporais na vida de um português que vai “tentar a vida em África”: conhecemos suas agruras e observamos seu comportamento aparentemente ingênuo transformar-se, rapidamente, em habilidade para exploração e sucesso financeiro. Mas o que aqui está em questão é também a barreira inevitável que se estabelece entre o mundo dos exploradores e o dos explorados.

⁴ Antonio Candido, 1987.

⁵ Em *Pele negra, máscaras brancas*, o psiquiatra Frantz Fanon faz um sócio-diagnóstico da alienação do negro na sociedade colonizada, onde o negro é escravo de sua negrura e o branco de sua brancura. Os contos de Manuel Rui podem ser lidos como uma dramatização do sócio-diagnóstico realizado por Fanon.

⁶ Manuel Rui, 1978

⁷ Manuel Rui, 1978

Desde a perspectiva irônica, humorística e aparentemente distanciada do narrador, entramos em contato com diferentes e novas facetas nas relações humanas nascidas a partir do colonialismo, num cenário em que as vítimas e os algozes, negros e brancos, não se distinguem jamais de forma maniqueísta, antes se confundem.

No conto “Em tempo de guerra não se limpam armas”, o atingido é o cozinheiro Ribeiro Vintesete. Como a maioria dos personagens retratados na obra, Vintesete acaba sendo vítima de uma violência que pertence menos a um grupo do que à situação existencial instaurada pela colonização.

Depois de um dia exaustivo, trabalhando para a família de um médico, o pacato cozinheiro vai ao encontro do amigo Mateus antes de voltar para casa. Como é seu costume, pedala devagar, precavido como sempre, trazendo os documentos em ordem no bolso. Quando se encontra afastado da cidade, desce para fazer suas necessidades no mato. Mas, nesse momento, numa passagem tragicômica, com as calças na mão, Vintesete é quase fuzilado pelas milícias que vigiavam constantemente os bairros, revistando e prendendo possíveis revoltosos. A ironia associa-se aqui ao humor, irrompendo na cena em que Vintesete escapa de ser assassinado, graças à sua presença de espírito, cantando o hino nacional português. Como está sem documentos, ele é amarrado e conduzido à cadeia, onde passa a noite amargurado com o tratamento humilhante e violento que recebe e decepcionado com o pouco caso dos patrões, que não tomam nenhuma providência para que ele seja solto.

A violência em relação à Vintesete parece atingir o auge na passagem da prisão, mas, na verdade, percebemos que ela faz parte de quase toda a vida de Vintesete, que vamos conhecendo pela voz do narrador em 3ª pessoa, a partir de recortes temporais, que oscilam entre o presente e o passado do cozinheiro, desde o dia em que ele, ainda bem jovem, fora capturado e obrigado a servir ao exército português, até o momento presente da sua prisão. O recorte temporal não chega a ser propriamente um “flashback” clássico. Ele é usado de modo criativo e com variações em outros contos da obra.

Diferente de Luís Alvim, de “Mulato de sangue azul”, o personagem Ribeiro Vintesete não quer se integrar ao mundo branco, nem sonha em ser um igual. Pelo contrário, ele “sabe qual é o seu lugar”, por isso nunca descumpriu nenhuma lei, sempre se preocupou em

⁸ Manuel Rui, 1978

seguir todos os preceitos e códigos impostos pela sociedade colonial, sempre procurou se adaptar a todas as situações que a vida lhe apresentou. Contudo, veremos que, de fato, seu comportamento não difere muito do de Alvim. Apenas expressa um outro lado no processo de alienação resultante do choque de culturas experimentado na sociedade colonial. Ao conhecermos o universo de Ribeiro Vintesete, nos damos conta de uma série de facetas perversas instauradas pelo colonialismo. Confira-se o descompasso cultural revelado nos esforços patéticos do cozinheiro para aprender do hino de Portugal durante o tempo em que serviu ao exército:

“Os cachações que levou até acertar o passo (...) Fazia bem o intróito sem palavras, entrava firme nos heróis, mas das brumas para frente a palavra difícil como egrégios (...) e outras tantas porradas até empinar o hino de forma a não mais o esquecer.” (“Em tempo de guerra não se limpam armas”, p. 101)

Trata-se de processo de desmemória cultural que se verifica, também, na origem do nome - Ribeiro - “dado” a Vintesete pelo sargento Ribeiro no tempo do exército. Esse apagamento de identidade traveste-se de recompensa pelos serviços prestados: “só um nome não assentava bem num preto como aquele, fiel e esperto.” (“Em tempo de guerra...” p. 103) (Ribeiro era faxineiro no exército e depois trabalhara para o próprio sargento como chefe da cozinha de seu restaurante e como empregado doméstico). A origem tanto de seu nome quanto de seu amigo Mateus nos é revelada com uma ironia que beira o sarcasmo:

“Fulano a pensar que Vintesete e Mateus antes não tinham nome, incorre em gravíssimo erro histórico de quem não sabe que tinham sim, mas que eram nomes boçais, nomes de pretos, sem música, sem número, sem Ribeiro ou versículo bíblico em Mateus e trinta e tal.” (“Em tempo de guerra...” p. 105)

Já na prisão, acompanhamos as dolorosas reflexões de Vintesete, que se auto-desvaloriza que aceita o sinal de menos que lhe é imposto, assumindo o inevitável complexo de inferioridade⁹. Nesse trecho, suas palavras se confundem com as do narrador no discurso indireto livre:

“Não estava certo era abrirem fogo a toamente. Insultarem um homem. Um preto mas um homem. Como dizia o sargento Ribeiro, tinha coração, olhos, boca, distinguia as coisas; não era um bicho! Lá que o tratassem por tu, ó rapaz ... estava bem, um preto é um preto. Mas filho desta filha daquela, pontapé no rabo como a um cão?” (“Em tempo de guerra...”p. 117, grifos meus)

⁹ Fanon discute o surgimento desse complexo em *Pele negra máscaras brancas*

Numa outra cena, percebemos a relação de dependência de Vintese e, novamente, flagramos sua auto-desvalorização na ilusão e desamparo que o dominam quando se vê preso. Ele esperava que o médico, seu patrão, o tirasse da cadeia, mas este se limita a certificar-se de que Vintese não faltaria ao trabalho quando saísse de lá:

“O cozinheiro a confiar piamente na proteção do médico, inclusive a convencer-se de que se o doutor viesse a cena, imediatamente poria e disporia ralhando com aqueles brancos de meia-tigela. Esta esperança agigantou-o no momento em que Castro indagou:

- És Ribeiro Vintese, criado do senhor doutor?
- Sim senhor, patrão. Ribeiro Vintese do senhor Carlos Ferreira. (“Em tempo de guerra.....” p. 121 grifos meus)

Percebe-se nesse diálogo que só com o respaldo do colonizador o colonizado pode se sentir alguém, ter uma identidade. Note-se que ao Ribeiro Vintese, nome que lhe foi imposto pelo sargento Ribeiro no exército, o cozinheiro acrescenta um “do senhor Carlos Ferreira”, como se fosse uma espécie de sobrenome que o personificaria. Mas, nesse gesto, ele próprio termina por reiterar o seu papel de mero objeto ou de número nessa sociedade.

O uso do verbo no infinitivo, na passagem acima, parece acentuar o sentimento de desespero de Vintese, marcando a presença e o comprometimento de um narrador da história que simula apenas observar as atitudes do personagem, de um modo distanciado e imparcial, mas que vai se revelando cada vez mais comprometido com o seu destino, conforme observou M. Ferreira no prefácio de *Retorno adiado*. O comprometimento do narrador com seus personagens se estabelece, sobretudo, pela reflexão que ele promove a cada cena criada, sem dar nenhuma explicação ou resposta fechada para justificar os comportamentos e gestos. É que esse narrador se assemelha ao de Benjamin¹⁰ cuja tarefa é “trabalhar a matéria da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único”(1986, p. 221)

Ao final do conto, após passar uma noite na cadeia, o cozinheiro medita e conversa tristemente com seu único amigo. A conclusão que sai de sua boca de que “em tempo de guerra não se limpam armas” pode ser interpretada de várias maneiras: como um primeiro passo do cozinheiro no doloroso processo de conscientização de sua alienação, como uma mera constatação da existência de um clima mais tenso no ar ou até mesmo como uma simples repetição do frase já ouvida anteriormente. Importa ressaltar, aqui, a força dessa narração, que deixa o leitor livre, mas o conduz em direção à interpretação e a

contação(recontação) do narrado. Não é à toa que seu título pode ser lido como um provérbio, mas não é conclusivo e não se fecha em mensagem moralista, como se esperaria de um texto que denuncia e desmascara comportamentos sociais. A frase provérbio “Em tempo de guerra não se limpa arma” funciona como um ideograma da história narrada. Tal como os antigos provérbios, ela foi desenvolvida por um narrador sutil, de que nos fala Benjamin, que nos envolve em todos os momentos do texto.

Ainda que se possa depreender da produção de M. Rui, em geral, um forte desejo de retratar e criticar as formas de perversão social, utilizando, por conseguinte, o riso da sátira e da ironia como armas de ataque, seu humor muitas vezes (e esse é o caso em questão) revela, mais do que tudo, uma perplexidade diante situações e do comportamento humano, remetendo às palavras de Pirandello¹¹ sobre o sentimento do humorismo: O riso do humorismo fala disso: a alma não é uma. O indivíduo vive entre duas ou mais, diversas orientações psíquicas. O processo psicológico do humorismo faz com que pensamentos, impulsos e sentimentos humanos se desdobrem. O leitor, diante do humorismo, é conduzido necessariamente à reflexão.

Ao pôr em relevo, em seus textos, as ações ordinárias da vida comum, a obra de M. Rui apresenta-nos uma realidade que é sempre mais complexa do que parece. O humorismo instaura uma perplexidade que nos envolve e nos leva a adentrar num universo que é sempre estranho e familiar. Somos conduzidos pela mão de um narrador que acentua as ligações do humorismo com o trágico, levando-nos a refletir sobre as implicações e motivações de cada uma das personagens.

Comentando as novas formas de ressurgimento do racismo, em *O homem desenraizado*¹², Todorov nos aponta a necessidade de se trazer a discussão sobre o passado colonial para a cena do discurso público contemporâneo. Segundo ele, as repercussões do colonialismo precisam ser discutidas para que se compreenda e se busque uma transformação em relação a uma série de atitudes racistas que vêm tendo lugar no mundo todo.

Para Todorov, no contexto atual, o racismo apresenta os seguintes aspectos preocupantes: muitas vezes ele não é reconhecido como tal ou, então, acaba sendo

¹⁰ W. Benjamin, “O narrador” In: *Walter Benjamin - obras escolhidas*, vol. 2, 1986, p. 221.

¹¹ Luigi Pirandello, “O humorismo”, In: *Pirandello: do teatro no teatro*, São Paulo: Perspectiva: 1999.

¹² Tzvetan Todorov, “Debates sobre o racismo” In: *O homem desenraizado* Rio de Janeiro: Record, 1999.

justificado por meio de racionalizações. No primeiro caso, as antigas alegações racistas referentes aos traços físicos foram substituídas por alegações relacionadas aos traços culturais. “Outrora aspirávamos à submissão de outras raças; desejamos agora o seu afastamento de nós, o seu reenvio ao país de origem (se eles não querem ceder a nossos costumes[...] que partam)¹³ No segundo caso, o racismo não é abraçado, mas procura-se compreender as motivações dos racistas e até justificá-las, na medida em que os anti-racistas passam a ser vistos como extremistas e radicais, repressores da liberdade de expressão.

As reflexões do teórico búlgaro referem-se mais especificamente às circunstâncias vividas na Europa contemporânea, nas duas últimas décadas, mas não há porque não trazê-las para pensarmos uma série de episódios que vem ocorrendo no mundo todo.

O crescimento do racismo vem gerando o aparecimento de leis em diversos lugares. Na França, a legislação anti-racista foi reforçada e votou-se uma lei que penaliza qualquer falsificação da história da 2ª Guerra. Nesse país, proibiu-se, também, recentemente, nas escolas públicas, o véu usado pelas mulheres muçulmanas. Nos Estados Unidos, na esteira dos episódios do World Trade Center, discutiram-se medidas para conter a onda de xenofobia que tomou conta da população. Com o brutal episódio, ocorrido em 11 março na Espanha, as previsões para o crescimento da intolerância aos árabes entre os espanhóis apontaram para o surgimento de novas normas e regulamentações. Diante dessa proliferação de leis, perguntamo-nos, com Todorov, até que ponto as imposições legais não arriscariam agravar o mal do qual queremos nos livrar. Resolvemos o problema simplesmente proibindo as pessoas de pensar de forma diferente da nossa? Não resta dúvida que não.

Conclui o teórico que lutar contra o racismo através da repressão sem procurar discutir e analisar o que o provoca é abrir mão da transformação. Na tentativa de diagnosticar esse quadro, Todorov observa que uma série de características da sociedade contemporânea atuam reforçando cada vez mais o crescimento do racismo: imigração clandestina, dificuldades econômicas entre grupos sociais e, sobretudo, ausência de debate público sobre as seqüelas do colonialismo. Todorov continua se referindo ao espaço europeu. Contudo, guardando-se as devidas proporções, podemos dizer que alguns desses traços

¹³ Tzvetan Todorov, 1999, p. 129

podem ser aplicados também a nós brasileiros. Criamos leis contra o racismo, sem o necessário amadurecimento, e não promovemos medidas que permitam uma real conscientização do problema, tanto da parte da população brasileira quanto da parte dos legisladores. A política de cotas nas universidades e a obrigatoriedade dos estudos sobre história e literatura africana nas escolas públicas são medidas que refletem, com certeza, a dívida que o nosso país contraiu com os negros e também com os índios e os caboclos e os deserdados em geral. O problema surge em relação à forma como deve ser paga essa dívida. Sem a necessária reflexão, não só em relação ao surgimento do racismo mas também em relação às formas que ele pode assumir, tais medidas podem se revelar um total desastre.

Na ausência de reflexão, continuaremos a produzir um círculo vicioso: a ignorância persistirá entre os que deveriam criar, executar e fazer cumprir as leis e entre os que deveriam se beneficiar delas. Afinal, como dismantelar estruturas mentais e institucionais fortalecidas durante séculos e séculos de exclusão social e visões românticas de democracia racial? Não há uma resposta pronta para essa questão, mas as sugestões de Todorov são um bom começo.

Vivemos num mundo em que o racismo vai assumindo tantas e tão diversas faces que já não as distinguimos. É importante notar que são obras africanas, como “Regresso adiado”, que podem se revelar uma valiosa fonte de reflexão sobre um problema vivenciado no Brasil, trazendo para discussão temas que pareciam esquecidos e superados. Com sua leitura, estabelecem-se importantes conexões e questionamentos que nos levam a pensar sobre as seqüelas do colonialismo na sociedade contemporânea. Afinal, o Brasil foi o último país ocidental a eliminar a escravidão.

Ribeiro Vintesete e Luis Alvim são apenas duas expressões resultantes do processo de desvalorização cultural nascido na sociedade colonial angolana, mas não estão tão distantes assim da nossa realidade. Esses dois personagens talvez nos ajudem a refletir sobre o racismo no Brasil, na medida em que neles podemos reconhecer uma série de traços que nos são bastante familiares.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. “O narrador”, In: *Walter Benjamin: obras escolhidas, magia e*

técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANDIDO, Antonio. “A nova narrativa” In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987 (série Temas)

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. de Adriano Caldas. Salvador: Livraria Fator, 1983 (col. Outra gente)

PIRANDELLO, Luigi “o humorismo” In: *Pirandello: do teatro no teatro* de J. Guinsburg São Paulo: Perspectiva, 1999.

RUI, Manuel. *Crônica de um mujimbo*. Porto: Ed. Asa, para a UEA, 1989 a

----- *Quem me dera ser onda*. Porto: Asa para a UEA, 1989 b

----- *Regresso adiado* (contos) Lisboa: Ed. 70, 1978.

TODOROV Tzvetan. “Debates sobre o racismo” In: *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.